

VESTIBULAR

Junho de 2013

Modelo A - Manhã

IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

— CADERNO DE PROVAS —

INSTRUÇÕES:

Este **Caderno de Provas** deve conter:

1. Um conjunto de páginas numeradas sequencialmente, contendo as seguintes provas:
 - Análise Verbal em Língua Portuguesa— **testes 01 ao 30.**
 - Redação: temas e folhas para rascunho.
2. Um **Cartão de Respostas**, com seu nome e número de inscrição.

Você receberá as **folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas.**

Lembre-se de que você deve reservar tempo suficiente para transcrever as suas redações.

ATENÇÃO:

- a. Confira o material recebido, verificando se as numerações dos testes e das páginas estão corretas.
- b. Confira se o seu nome e número de inscrição, no **Cartão de Respostas**, estão corretos.
- c. Leia atentamente cada teste e assinale, no **Cartão de Respostas**, a alternativa que mais adequadamente responda a cada um dos testes.
- d. Destaque **cuidadosamente** o **Cartão de Respostas** do caderno de prova, utilizando a serrilha indicada. Lembre-se de que o **Cartão de Respostas** não será substituído em hipótese alguma.
- e. O **Cartão de Respostas** não pode ser rasgado, dobrado, amassado, rasurado ou conter qualquer registro fora dos locais destinados às respostas.
- f. No **Cartão de Respostas**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo toda a bolha, conforme exemplo no próprio cartão.
- g. Use lápis 2B, caneta com tinta preta ou azul.
- h. Em hipótese alguma utilize caneta com tinta vermelha, laranja ou roxa.
- i. Marque apenas uma opção por teste.
- j. O computador não registrará marcação de resposta onde houver falta de nitidez ou mais de uma alternativa assinalada em um mesmo teste.
- k. Se houver necessidade de apagar a resposta, faça com o máximo de cautela, evitando deixar sombras.
- l. Não é permitido destacar qualquer folha deste caderno, com exceção do **Cartão de Respostas**.
- m. Se você precisar de algum esclarecimento, solicite-o ao **Monitor**.
- n. Você dispõe de quatro horas para fazer esta prova, **incluindo o tempo para transcrever suas redações.**

Obrigada pela escolha e

BOA PROVA!

A Comissão do Vestibular

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 1.



Fonte: Thyago Resende

(<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>)

1. Levando em conta os elementos verbais e imagéticos presentes no texto acima, é correto afirmar que se trata de uma campanha educativa cujo objetivo é

- (a) denunciar a existência de métodos ultrapassados de alfabetização nas escolas públicas brasileiras.
- (b) informar a população sobre a existência de distúrbios de aprendizagem associados à leitura.
- (c) alertar educadores para a importância de realizar com seus alunos exames oftalmológicos preventivos.
- (d) destacar a importância do acesso ao código escrito, visando ao combate ao analfabetismo.
- (e) mobilizar a população para exigir melhores condições de infraestrutura nas escolas públicas.

2. Leia estas manchetes:

I - Câncer mata Hugo Chávez, líder populista da Venezuela (Folha de S. Paulo, 06/03/2013)

II - Chorão é achado morto em apartamento de Pinheiros (Folha de S. Paulo, 07/03/2013)

Considerando que as vozes verbais abrem um leque de possibilidades expressivas, é correto afirmar que

- (a) em I, a opção pela voz ativa assume caráter de deboche ao enfatizar que o poderoso líder foi vencido por uma doença.
- (b) em II, a construção na voz passiva analítica tem o intuito de colocar em evidência quem é o agente da ação expressa pelo verbo.
- (c) em I, a predicação do verbo “matar” não permite, segundo a norma padrão, a transposição para a voz passiva analítica.
- (d) em II, a omissão do agente da passiva acentua o mistério em torno da morte do cantor; já em I, o sujeito agente esclarece a causa da morte.
- (e) em I, a opção pela voz ativa produz marcas de subjetividade que revelam um enunciador simpatizante do chavismo.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 3 e 4.

O diminutivo que aumenta

O diminutivo virou uma espécie de divisor de águas para o brasileiro. Em Portugal, onde a ambiguidade linguística tem menor voltagem e toda conversa arrisca-se a seguir o pé da letra, as pessoas tendem a flexionar o grau do substantivo com a consciência de que pão é pão, queijo é queijo – posto que um diminutivo serve é para diminuir e um aumentativo, para aumentar. Além-mar a ênfase é outra. Quando convém, o diminutivo funciona como aumentativo no Brasil, porque exploramos, como ninguém, o uso dos adjetivos com flexão típica do diminutivo, mas com função superlativa. (...)

Disponível no nosso armazém de secos e molhados que é a língua, o adjetivo superlativo ficou reservado para ocasiões propícias. Comparado ao brasileiro, o português usa o recurso com imenso recato.

(Adaptado, Revista Língua, n.º 1)

3. Segundo o texto, o diminutivo com função superlativa é uma construção tipicamente brasileira, diferentemente do que ocorre em Portugal. Identifique a alternativa que apresenta essa construção.

- (a) Aguarde só mais um minutinho, por favor.
- (b) Para as moças, esconder a verdade era apenas uma brincadeirinha.
- (c) Nada melhor do que um café quentinho no meio de uma tarde fria.
- (d) É apenas um presentinho, você merece muito mais.
- (e) Esperava ver um jardim bonitinho e encontrou uma aula de paisagismo.

4. No último parágrafo, a língua é comparada a um *armazém de secos e molhados* porque, tal como nesse tipo de estabelecimento comercial, ela

- (a) oferece formas “customizadas”.
- (b) apresenta caráter conservador.
- (c) permite fazer permutas.
- (d) é elitizada, acessível a poucas pessoas.
- (e) comporta variedade de opções.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 5 e 6.

Quando a crase muda o sentido

Muitos deixariam de ver a crase como bicho-papão se pensassem nela como uma ferramenta para evitar ambiguidade nas frases

O emprego da crase costuma desconcertar muita gente. A ponto de ter gerado um balaio de frases inflamadas ou espirituosas de uma turma renomada. O poeta Ferreira Gullar, por exemplo, é autor da sentença "A crase não foi feita para humilhar ninguém", marco da tolerância gramatical ao acento gráfico. O escritor Moacyr Scliar discorda, em uma deliciosa crônica "Tropeçando nos acentos", e afirma que a crase foi feita, sim, para humilhar as pessoas; e o humorista Millôr Fernandes, de forma irônica e jocosa, é taxativo: "ela não existe no Brasil".

O assunto é tão candente que, em 2005, o deputado João Herrmann Neto, (...), propôs abolir esse acento do português do Brasil por meio do projeto de lei 5.154, pois o considerava "sinal obsoleto, que o povo já fez morrer". Bombardeado, na ocasião, por gramáticos e linguistas que o acusavam de querer abolir um fato sintático como quem revoga a lei da gravidade, Herrmann Neto logo desistiu do projeto.

(Adaptado, Revista Língua, edição 48)

5. Se o projeto de lei do deputado João Herrmann Neto tivesse sido aprovado, seria difícil evitar a ambiguidade dos enunciados abaixo, o que comprova que a crase também é um fato sintático. Assinale a alternativa em que o emprego do acento grave modifica o sentido do período por transformar o agente em alvo da ação.

- (a) Os trabalhadores correm a cidade para procurar emprego.
- (b) E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho.
- (c) Sempre ouvia comentários irônicos quando cumprimentava a francesa.
- (d) Naquele momento, ficou a vontade entre as crianças.
- (e) A noite ouvia um grito ensurdecedor.

6. Na passagem “O assunto é tão candente que, em 2005, o deputado João Herrmann Neto, (...), propôs abolir esse acento”, o termo sublinhado, em **sentido denotativo**, significa

- (a) ardente.
- (b) polêmico.
- (c) urgente.
- (d) efêmero.
- (e) obscuro.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 7.

Ao shopping center
Pelos teus círculos
Vagamos sem rumo
Nós almas penadas
Do mundo do consumo.
Do elevador ao céu
Pela escada ao inferno:
Os extremos se tocam
No castigo eterno.
Cada loja é um novo prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
Estamos sempre nus
Nós que por teus círculos
Vagamos sem perdão
À espera (até quando?)
Da Grande Liquidação.

(In PAES, J. P. *Prosas seguidas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 73)

7. A crítica à sociedade de consumo, feita no poema de José Paulo Paes, está adequadamente explicada em:

- (a) Atento às características do mundo moderno, o poeta enaltece, por meio de uma ode, a existência de novos espaços públicos e objetos de consumo.
- (b) Recorrendo ao dualismo típico da poesia renascentista, o eu poético contrasta a realização pessoal pelo poder de compra e o desequilíbrio emocional decorrente de um comportamento obsessivo.
- (c) Trata-se de um elegia (poesia de tom terno e triste) na qual o eu poético lamenta o consumo compulsivo que provoca sofrimentos que se estendem como tormentos por toda a vida de uma pessoa.
- (d) Empregando versos em redondilha menor, José Paulo Paes cria um poema gótico no qual mostra clientes dos shoppings como almas penadas que vagueiam sem rumo.
- (e) Ao fazer uma ode ao shopping center, José Paulo Paes recorre à ironia, articulando dois universos distintos: o comercial e o religioso.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 8.

Aos poetas clássicos
Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

(Patativa do Assaré, <http://www.bahai.org.br/cordel/assare2.html>)

8. Nesse poema, o autor lança mão de recursos linguísticos que contrariam a língua padrão. Em “vocabularo” e “prazê”, Patativa do Assaré se vale de traços

- (a) semânticos, para enfatizar as diferenças entre o acadêmico e o popular.
- (b) fonológicos, para dar mais realismo à fala do homem simples do campo.
- (c) lexicais, para demonstrar a inventividade da linguagem rural.
- (d) sintáticos, para denunciar o preconceito linguístico sofrido pelo camponês.
- (e) estilísticos, para retratar construções linguísticas divergentes da norma culta.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 9.



(Folha de S. Paulo, 22/08/2012)

9. Considerando-se os elementos verbais e visuais da tirinha, é correto afirmar que o que contribui de modo mais decisivo para o efeito de humor é

- (a) a ingenuidade dos personagens em acreditarem na existência de poderes sobrenaturais.
- (b) o contraste entre os personagens que representam diferentes classes sociais.
- (c) o duplo sentido do substantivo “super-herói”, no contexto do 1º quadrinho.
- (d) a tentativa fracassada do personagem ao fazer um discurso panfletário.
- (e) a quebra de expectativa produzida, no último quadrinho, pelo termo “invisibilidade”.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 10.

Sociedade Alternativa

Se eu quero e você quer

Tomar banho de chapéu

Ou esperar Papai Noel

Ou discutir Carlos Gardel

Então vá!

Faz o que tu queres

Pois é tudo

Da Lei! Da Lei!

Viva! Viva!

Viva a Sociedade Alternativa.

(Raul Seixas)

10. Em sua canção, Raul Seixas emprega um registro linguístico coloquial. Caso o “maluco beleza” mantivesse uniformidade no uso das pessoas do discurso, o verso sublinhado seria:

- (a) Faça o que tu queres.
- (b) Fazei o que tu queres.
- (c) Faça o que você quiser.
- (d) Faça o que tu quiserdes.
- (e) Faz o que você quiser.

Utilize o excerto abaixo para responder aos testes 11 a 13.

O consumo e, conseqüentemente, a publicidade, intensificaram-se muito nas últimas décadas. Anos atrás, a publicidade veiculada nas mídias era bem diferente.

O núcleo principal de quase todas elas eram as características dos produtos anunciados, que eram bem enaltecidas. As peças publicitárias tentavam convencer o consumidor de que o produto que vendiam era especial e, por isso, deveria ser o escolhido entre tantos produtos similares. Outro foco era a marca, que funcionava mais ou menos como um indicador de qualidade.

Além disso, o público-alvo dos anúncios eram os adultos. Eles eram considerados os consumidores por excelência porque detinham o poder de decisão de compra.

Hoje, muitas vezes assistimos a um comercial e ao final dele não lembramos bem qual foi o produto anunciado. É que o foco das peças atuais não é o produto, e sim o estilo de vida prometido a quem o comprar.

(Rosely Sayão, Folha de S. Paulo, 09/04/2013)

11. Uma paráfrase gramaticalmente correta para a passagem destacada “... tentavam **convencer o consumidor de que o produto que vendiam era especial**” é:

- (a) ... influenciar o consumidor, cujo produto vendido, era especial.
- (b) ... induzir o consumidor sobre o produto especial que vendiam.
- (c) ... aludir o consumidor do produto vendido como especial.
- (d) ... cativar o consumidor para o qual vendiam ser aquele um produto especial.
- (e) ... persuadir o consumidor de que o produto vendido era especial.

12. Relacione os *slogans* dos anúncios publicitários a seguir ao conteúdo do excerto de Rosely Sayão.



Anúncio 1 – Comparando bem, é incomparável



Anúncio 2 – Dia útil é aquele que você curte



Anúncio 3 – Sinistro é não ter seguro com a corretora certa

Para ilustrar os novos conceitos abordados na publicidade de que trata a autora, deve(m) ser selecionado(s) o(s) anúncio(s)

- (a) apenas 1.
- (b) apenas 2.
- (c) apenas 3.
- (d) apenas 1 e 2.
- (e) apenas 2 e 3.

13. Em "... porque detinham o poder de compra", o verbo **deter** está no pretérito imperfeito do indicativo. Se for transposta para o pretérito perfeito, a forma verbal será

- (a) detiveram.
- (b) detêm.
- (c) deteram.
- (d) deterão.
- (e) detém.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 14 a 18.

Demorou, já é

Do Rio de Janeiro gosto de muitas coisas: da malabarística eficiência das casas de suco, do orgulho aristocrático dos garçons, das árvores alienígenas do Aterro, dos luminosos dos armarinhos em Copacabana, da língua: essa língua tão parecida com a falada pelos paulistanos e, ao mesmo tempo, tão diferente.

Veja o "demorou!", por exemplo. Lembro bem da primeira vez que ouvi um amigo carioca usar a expressão, anos atrás. Acabávamos de nos sentar num bar, numa rua pacata do Leblon, ajeitei minha cadeira e propus: "Vamos pedir umas empadas?". "Demorou!". "Como? A gente acabou de chegar!". "Então, pede aí, demorou!". "Ué, se tá achando que eu demorei, porque cê não pediu antes da gente sentar?". A conversa seguiu truncada por mais algum tempo, até que este obtuso paulista compreendesse, admirado, que o "demorou!" não era uma reclamação, mas uma manifestação de júbilo.

O "demorou!" é um sim turbinado. Mais do que isso, é uma proposta de parceria. Eu digo que quero empadas: meu amigo, ao responder "demorou!", indica não só que também as quer como que já as queria antes, de modo que estamos atrasados. As empadas, agora, são uma confirmação de nossas afinidades e um urgente (mini) projeto coletivo, que me enche de uma alegria infantil. É como se ele se juntasse a mim no gira-gira, dando impulso, como se corrêssemos para saltar de bombinha na piscina - o último que chegar é mulher do padre.

Por anos, acreditei que o "demorou!" fosse o apogeu do "sim"; até que surgiu o "já é!". Incrível, mas, diante do "já é!", o "demorou!" parece até blasé. O "já é!" leva a concordância à beira da esquizofrenia. "Vamos pedir umas empadas?", "Já é!" - e não estamos mais atrasados na satisfação, estamos em pleno gozo, já comemos as empadas assim que manifestamos nosso desejo de pedi-las, caímos na piscina no mesmo momento em que pulamos.

Se o "demorou!" é um acelerador apertado no caminho da satisfação, o "já é!" é como a barrinha na gaiola do rato, que, acionada, faz serem despejadas no sangue algumas gotas de serotonina - ou empadas de camarão -, é o seio descendo dos céus em direção à boca do bebê, é o Nirvana se apoderando da mesa do bar. Se um é a superconcordância, o outro é o superpresente: não só "é" como "já é!". É como se o desejo fosse capaz, tal qual a luz, de dobrar o tempo, criando o "mais do que agora", esta estreita faixa entre o mar e as montanhas onde nossas vontades são realizadas no instante em que surgem.

O paulistano ranzinza verá no "demorou!" e no "já é!" traços de nossa eterna cordialidade, sombras de uma hipocrisia mui brasileira que, se nos abriga no frescor do acolhimento, também nos impede de instituir a seca racionalidade, necessária para o pleno desenvolvimento da civilização. Pode ser, mas vejo agora o outro lado, esta incontrolável propensão para o prazer, esta alegria infinita nas parcerias, mesmo (ou, talvez, principalmente) nas mais desimportantes. Sei lá, minha modesta pena de cronista não é capaz de desdar o nó. Quem sabe um dia desses o grande José Miguel Wisnik, estudioso da linha tênue e tenaz que amarra nossas glórias e fracassos, não se anima e escreve algo a respeito? Demorou! Já é!

(Antonio Prata, Folha de S. Paulo, 22/08/2012)

14. A crônica é um gênero textual em que se usa um fato do cotidiano como mote para tecer reflexões mais amplas sobre aspectos da sociedade. Em “Demorou, já é”, infere-se que o objetivo central do cronista é

- (a) discutir a rivalidade entre paulistanos e cariocas, por meio da comparação das variantes linguísticas regionais.
- (b) analisar, de forma objetiva e imparcial, os diferentes graus de satisfação que uma pessoa pode atingir.
- (c) propor uma análise metalinguística, seguida de considerações sobre o comportamento dos brasileiros.
- (d) constatar que o uso da função fática de linguagem é capaz de promover discussões filosóficas.
- (e) revelar que a comunicação oral, mesmo em situações banais como pedir empadas, é imprescindível para a construção de projetos coletivos.

15. Considere os aspectos linguísticos presentes no segundo parágrafo do texto e identifique a alternativa que apresenta uma análise correta sobre eles:

- (a) Do ponto de vista da gramática normativa, há um erro de regência em “Lembro bem da primeira vez...”, uma vez que, quando transitivo indireto, o verbo “lembrar” é pronominal.
- (b) No diálogo estabelecido com o amigo num bar no Leblon, o cronista lança mão de marcas de oralidade, imitando a fala de um caipira, para debochar dos cariocas.
- (c) Ao definir a conversa que teve com o amigo como “truncada”, o cronista quer revelar a ambiguidade presente nos dialetos regionais.
- (d) Ao referir-se a si mesmo como “obtuso”, o cronista admite que era uma pessoa intransigente, incapaz de reconhecer seus próprios erros.
- (e) Em “mas uma manifestação de júbilo”, a conjunção adversativa estabelece uma relação de causa em relação ao que foi dito antes.

16. No contexto em que foram utilizadas, é correto afirmar que as expressões “demorou” e “já é” têm valor de

- (a) conjunções.
- (b) advérbios.
- (c) substantivos.
- (d) verbos.
- (e) preposições.

17. Em “*Incrível, mas diante do ‘já é!’*, o ‘demorou!’ parece até *blasé*”, o termo grifado, no contexto em que ocorre, expressa a ideia de

- (a) inconsequência.
- (b) surpresa.
- (c) arrogância.
- (d) indiferença.
- (e) equívoco.

18. Na oração “É **como se** o desejo fosse capaz, tal qual a luz, de dobrar o tempo...” (5º parágrafo), o segmento em destaque estabelece com a oração seguinte a ideia de

- (a) causa.
- (b) conclusão.
- (c) conformidade.
- (d) consequência.
- (e) condição.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 19.

O Estado cubano introduziu uma onda de reformas ousadas e o novo malabarismo retórico. Para salvar os trabalhadores, o governo anunciou o corte de até 1,5 milhão de funcionários estatais. Sai de cena o cartão de racionamento, que punha a mesa cubana, mas empobrecia as contas públicas. Entra o empreendedor socialista, oximoro que renovaria a revolução com lucro. Em contrapartida, o governo de Havana prometia soltar a rédea, facilitando a compra e venda de imóveis e permitindo que comerciantes informais legalizassem seus negócios. Quase dois anos depois, pouca coisa mudou.

(<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,cuba-a-revolucao-flex-,952001,0.htm>)

19. Para o autor, ser um “empreendedor socialista” é um oximoro porque isso é

- (a) um mero jogo de palavras de efeito retórico.
- (b) um eufemismo para indicar a avidez por lucro.
- (c) uma aliança de conceitos incompatíveis.
- (d) uma negação de princípios já comprovados.
- (e) uma concretização de um sonho.

Texto para as questões 20 e 21.

Babuíno aprende a “ler” em experimento

Babuínos não falam inglês, é óbvio. Mas cientistas na França conseguiram treinar meia dúzia deles para que reconhecessem quando letras na tela de um computador formavam uma palavra de verdade e quando eram só sequência sem sentido.

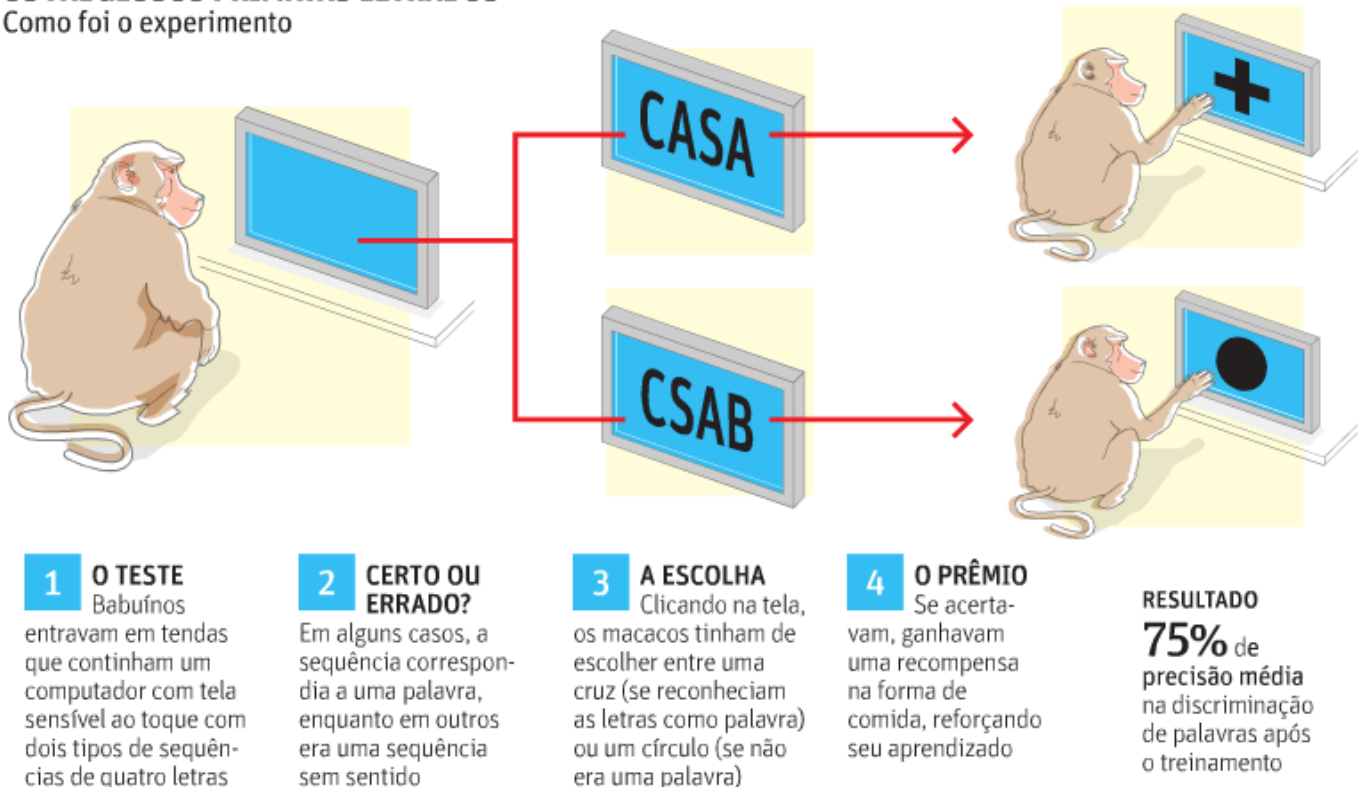
Ao ler, uma pessoa usa dados sobre o posicionamento das letras em uma palavra, a “informação ortográfica”, para ter acesso aos sons e ao sentido, dizem Jonathan Grainger e seus colegas da Universidade Aix-Marseille, em Marselha, na França.

Eles queriam saber se o processamento da informação ortográfica poderia ser feito mesmo na ausência de conhecimento linguístico. E foram atrás de primatas com boas habilidades visuais, mas sem conhecimento da linguagem humana.

“Nossos resultados demonstram que as aptidões básicas de processamento de ortografia podem ser adquiridas na ausência de representações linguísticas”, escreveu a equipe na edição de hoje da revista “Science”.

OS FABULOSOS PRIMATAS LETRADOS

Como foi o experimento



A descoberta explode uma noção antiga entre os linguistas e biólogos: a de que a capacidade de reconhecer palavras seria inseparável da linguagem. aparentemente, reconhecer combinações de objetos visuais em sequências é algo que pode ter surgido na evolução bem antes de os seres humanos divergirem de seus ancestrais comuns com outros primatas.

(Folha de S. Paulo, 13/04/2012)

20. Com base nas informações apresentadas no texto, é correto afirmar que o experimento científico

- refere-se, na verdade, à capacidade de identificação e não de leitura dos babuínos.
- mostra que os babuínos memorizaram palavras para lhes atribuir significado.
- revela que o reconhecimento de palavras é inerente ao conhecimento da linguagem.
- comprova que nossos ancestrais careciam de aptidões básicas de processamento de ortografia.
- demonstra que o posicionamento de sílabas para formação de palavras tem uma sequência lógica.

21. Na passagem “Nossos resultados demonstram que as aptidões básicas de processamento de ortografia podem ser adquiridas na ausência de representações linguísticas”, a oração destacada exerce a mesma função sintática que a oração sublinhada em

- “... meia dúzia deles para que reconhecessem quando letras na tela de um computador formavam uma palavra ...”
- “Eles queriam saber se o processamento da informação ortográfica poderia ser feito...”
- “Se acertavam, ganhavam uma recompensa na forma de comida...”
- “... entre os linguistas e biólogos: a de que a capacidade de reconhecer palavras seria inseparável da linguagem...”
- “... reconhecer combinações (...) é algo que pode ter surgido na evolução bem antes de os seres humanos...”

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 22.

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

(Padre Antônio Vieira. *Sermão do Bom Ladrão*)

22. O excerto permite inferir que o objetivo do autor é

- (a) enaltecer o trabalho dos pescadores que foram capazes de capturar um pirata que lhes roubara.
- (b) propor uma reflexão filosófica para defender a manutenção do poder dos imperadores.
- (c) mobilizar os pescadores a combaterem a pirataria e a lutarem pela justiça.
- (d) demonstrar que a concepção de ladrão decorre de fatores como as relações de poder na sociedade.
- (e) ensinar que a cumplicidade dos envolvidos tem o poder de atenuar o crime de roubo.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 23.

LIGA DA JUSTIÇA - Em mais uma atitude histórica, heroica e platônica, o mártir Joaquim Barbosa julgou inconstitucional o ato de juntar os dedos das mãos em forma de coração. "Corações com as mãos me causam espécie", desabafou, enquanto alimentava duas crianças famintas e salvava três espécies de arara da extinção. "Temos que livrar o país da miséria, da corrupção e da cafonice extrema", explicou, em raro momento em que usou o português para se expressar. Em seguida, demonstrando coerência, condenou o arco-íris na capa do Globo.

<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/herald/2012/10>

23. Adaptando o fragmento “‘Corações com as mãos me causam espécie’, desabafou” para o discurso indireto, teríamos

- (a) Joaquim Barbosa desabafou que corações com as mãos lhe causavam espécie.
- (b) De acordo com Joaquim Barbosa, corações com as mãos causam espécie.
- (c) Joaquim Barbosa desabafara que corações com as mãos lhe causam espécie.
- (d) Corações com as mãos causariam espécie em Joaquim Barbosa.
- (e) Joaquim Barbosa desabafou que corações com as mãos o causavam espécie.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 24.

Como evitar o mico

Os tropeços de grafia, regência e concordância que mais comprometem a nossa imagem

Escrever e expressar-se com versatilidade torna a vida em sociedade mais ágil e objetiva. Evitar "micos" gramaticais socialmente condenados pode fazer diferença profissional, por exemplo, porque aumenta a capacidade de negociação com clientes e fornecedores, ajuda a orientar reuniões e a defender ideias. Comunicar-se bem preserva a credibilidade que se deseja ter em um dado ambiente social.

(Revista Língua Portuguesa, nº 59)

24. Das frases contidas nos cartazes abaixo, a única que evita um “mico gramatical” é

(a)



(b)



(c)



(d)



(e)



Utilize o texto abaixo para responder aos testes 25 a 27.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

- A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele (...) admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, - únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, - o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", - expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

- A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

(Machado de Assis. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1979)

25. Uma característica típica da literatura machadiana evidente no conto é

- (a) a predominância da linguagem elevada, sublime.
- (b) a exploração de digressões metalinguísticas.
- (c) o embasamento da ficção em acontecimentos históricos.
- (d) a postura cientificista adotada pelo narrador.
- (e) o tom irônico adotado pelo narrador.

26. A maneira como D. Evarista é descrita rompe com a tendência romântica de idealizar a personagem feminina. Essa ruptura é feita por meio

- (a) da depreciação de sua imagem e carisma.
- (b) de sua caracterização de mulher interesseira.
- (c) da sua incapacidade de gerar filhos.
- (d) da decepção amorosa que causa ao marido.
- (e) do seu caráter de mulher mentirosa.

27. É comum na obra de Machado de Assis a crítica à contradição entre aparência e essência. Essa crítica pode ser identificada no fragmento

- (a) "Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas."
- (b) "entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras e demonstrando os teoremas com cataplasmas."
- (c) "casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática."
- (d) "cobrir-se de 'louros imarcescíveis', - expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores."
- (e) "- A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico."

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 28.

Débora. O nome já é um atestado de saúde, com suas vogais explosivas. Ela tem dezenove anos e faz sensação na praia com seu corpão que o biquíni só tapa aqui e alizinho. Os seios transbordam. Com cada uma de suas pernas daria para fazer outra mulher, e que mulher! Ela corre na praia diariamente, faz surf e musculação e contam que todos os dias, no almoço, come um homem dos pequenos. E deu bola para o Pio.

O Pio, que recebeu este nome da mãe religiosa, mas o desmente desde os treze anos, mal pôde acreditar. Os amigos o incentivaram: “Vai nessa”. Mas com uma condição. Tinha que contar tudo. Mulher como aquela tinha que ser compartilhada, mesmo que fosse só contando. Por uma elementar questão de justiça social. Débora e Pio começaram a namorar.

(Luís Fernando Veríssimo. “Emoção”)

28. O autor utiliza diferentes recursos para apresentar a personagem Débora. Um dos recursos que enaltecem a beleza do corpo da personagem é

- (a) o contraste entre sua beleza delicada e seu comportamento bruto.
- (b) a sonoridade de todos os fonemas que compõem seu nome.
- (c) a oposição entre o físico bem torneado e a pequenez do biquíni.
- (d) a vulgaridade da jovem que se expõe na praia.
- (e) a sua caracterização como inacessível.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 29.

Aquela olhadinha despreziosa no Facebook pode consumir horas de trabalho. Segundo uma pesquisa divulgada recentemente, 62% das pessoas admitem que navegar na internet faz com que elas procrastinem (...).

Na pesquisa, 71% dos entrevistados disseram deixar tudo para a última hora. “Eles reclamam de falta de tempo, mas perdem tempo em redes sociais”, diz Barbosa.

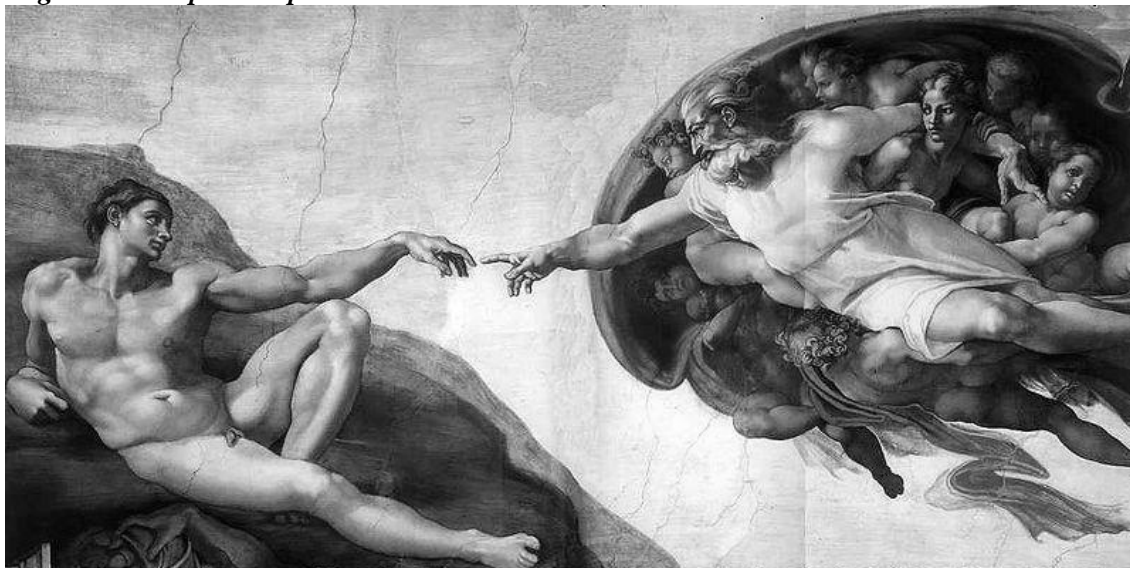
A internet não é a única culpada, mas é como se ela juntasse a fome com a vontade de comer: a preguiça com a oferta de algo divertido que exige pouco esforço. “Procrastinação sempre existiu, mas antigamente não tinha Skype e Facebook. Hoje a luta é mais severa, há mais coisas para nos sabotar”, afirma Barbosa.

(<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1124603-internet-e-a-maior-causa-de-procrastinacao-diz-estudo.shtml>)

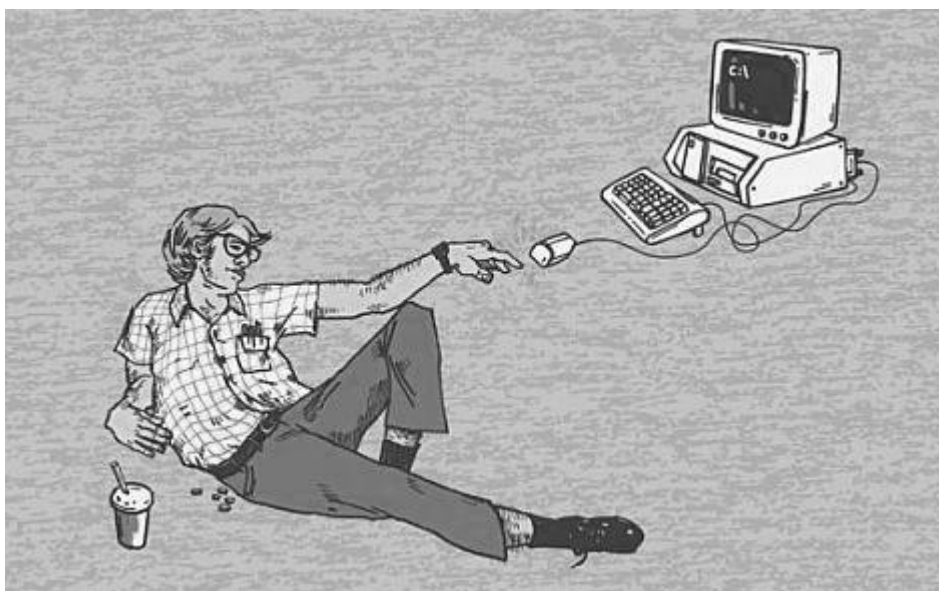
29. O termo “procrastinem”, empregado no primeiro parágrafo, tem significado novamente explorado no texto em

- (a) “navegar na internet”.
- (b) “deixar tudo para a última hora”.
- (c) “juntasse a fome com a vontade de comer”.
- (d) “a luta é mais severa”.
- (e) “coisas para nos sabotar”.

Utilize as imagens abaixo para responder ao teste 30.



(http://3.bp.blogspot.com/_Kmgdy92yn2M/S-WOrzAYkhI/AAAAAAAAAXg/riNr-nlU-XQ/s1600/Michelangelo+-+A+cria%C3%A7%C3%A3o+de+Ad%C3%A3o.+Capela+Sistina.jpg)



(<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/08/medialidade-imperio-e-religiao-dos-meios/>)

30. A recriação do afresco de Michelangelo sugere

- (a) a retomada do princípio clássico da mimese, conceito artístico que valorizava a capacidade de imitação de um artista.
- (b) a tentativa de desconstruir conceitos da arte renascentista, por meio da ridicularização de um paradigma do Classicismo.
- (c) o tom de humor garantido na paródia pela atualização de alguns elementos da obra clássica, preservando ainda traços que permitam o reconhecimento da obra original.
- (d) a crítica à postura conservadora que o ser humano preserva ao longo dos séculos diante de situações cotidianas.
- (e) a condenação da presunção do ser humano que sempre se julgou capaz de criar grandes obras.

INSTRUÇÕES PARA AS REDAÇÕES:

- a. Serão apresentados a você dois temas para redação.
- b. Faça uma redação para cada tema, ou seja, **você deve fazer as duas redações**.
- c. As redações devem ser duas **dissertações em prosa**, com no máximo 30 linhas.
- d. Não é necessário escrever um título para cada redação, os títulos são dados juntamente com as propostas-tema.
- e. Em cada redação, fuga do tema implica nota zero.
- f. Redações com menos de 10 linhas serão desconsideradas.
- g. As redações podem ser feitas a lápis.
- h. Anotações nas folhas identificadas como “Rascunho da Redação” não serão consideradas.
- i. Somente será considerado o que estiver escrito nas folhas pautadas e com linhas numeradas para as redações.
- j. Escreva suas redações com letra legível.
- k. Não é permitido destacar as folhas de rascunho das redações.

ATENÇÃO:

Você deve finalizar cada texto e passá-lo para a folha de redação até o horário limite da prova (indicado no quadro na frente da sala).

Lembre-se de que você poderá retirar as folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas preenchido.

Tema 1

Reflita sobre as ideias apresentadas nos textos a seguir e desenvolva uma **dissertação em prosa**.

Brinquedos de meninos

Hoje eu peço licença para discordar da geralmente ótima Rosely Sayão. Há fortes evidências a sugerir que as preferências de meninos e meninas por brinquedos específicos para cada gênero envolvem mais do que preconceitos, estereótipos e a irresponsabilidade social de fabricantes. Ao que tudo indica, existe uma base biológica para as distintas predileções.

Para começar, brincadeiras típicas de machos e fêmeas não são uma exclusividade humana. Em 2010, o primatologista Richard Wrangham, de Harvard, ganhou manchetes ao publicar um estudo descrevendo como fêmeas jovens de chimpanzés brincavam com pedaços de pau como se fossem bonecas. Elas chegavam a construir ninhos na floresta para acomodar os gravetos à noite. Machos da mesma idade por vezes topavam brincar de casinha com elas, mas o uso preferencial que davam aos galhos era o de armas simuladas.

Aparentemente, os níveis de exposição do feto a hormônios respondem ao menos em parte pela predisposição. (...) E quanto às cores? O rosa para meninas e o azul para meninos. Isso pelo menos é um capricho, uma arbitrariedade cultural que impomos a nossos filhos, certo? Talvez não.

Estudos com mamíferos revelam que fêmeas preferem cores mais quentes como vermelho e rosa. Em machos não há uma predileção clara. No caso de humanos, esse padrão aparece mesmo quando lidamos com culturas bem distintas, como norte-americanos e chineses.

A biologia talvez não explique todas as diferenças, mas revela que não somos uma tábula rasa de gênero.

(Hélio Schwartzman, Folha de S. Paulo, 29/05/2013)

Ansiedade matemática em meninas não vem do berço, e sim de estereótipos... e da professora

O gosto pela matemática divide as opiniões dos estudantes desde que estão nos primeiros anos do ensino fundamental. Há os que adoram o mundo dos números e há os que torcem o nariz só de pensar em fazer uma multiplicação. Muitos destes últimos manifestam uma grande ansiedade em relação à matemática, que pode ser definida como uma resposta emocional desagradável à matemática, e que é mais comum em mulheres do que em homens. O fato dessa ansiedade em relação à matemática ser mais comum em mulheres, ou meninas, é usado por alguns como evidência de que já na infância as mulheres seriam menos aptas para a matemática do que os homens.

Isso, no entanto, não é necessariamente verdade – e, aliás, há evidências de que não há uma inaptidão inata de qualquer dos sexos para a matemática. Ao contrário, a ansiedade em relação à matemática poderia ser... aprendida. E aprendida, por exemplo, da própria professora de matemática.

(...)

Não se deve, contudo, colocar a culpa só na professora: há muitas outras fontes prováveis de influência no desempenho matemático das meninas, como professoras anteriores, pais, mães e irmãos, que reforçam ou não o estereótipo de habilidades acadêmicas.

O importante é lembrar que o desempenho geral de meninas e meninos não apresenta diferenças inatas: as habilidades são as mesmas entre os sexos, e o que difere é o estímulo que é dado a meninos e meninas para desenvolver suas competências.

<http://www.cerebronosso.bio.br/novidades/2010/3/12/ansiedade-matematica-em-meninas-no-vem-do-berco-e-sim-de-est.html>

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize **o próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 1: Diferenças de gênero: questão biológica ou cultural?

Tema/Título 1: Diferenças de gênero: questão biológica ou cultural?

4

RASCUNHO DA

8

REDAÇÃO

12

RASCUNHO DA

16

REDAÇÃO

20

RASCUNHO DA

24

REDAÇÃO

28

Tema 2

Refleta sobre as ideias apresentadas nos textos a seguir e desenvolva uma **dissertação em prosa**.

TEXTO I

Contrariando um clichê muito difundido pelo senso comum, ter medo não significa ser covarde. Covardia é, sim, não ter coragem de reagir. O medo, assim como outras emoções primárias, está inscrito no código genético de muitos seres vivos, inclusive no dos humanos. Sua função é “avisar” o organismo dos perigos. Em geral, portanto, o medo é benéfico – somente quando é excessivo (em casos patológicos de pânico, fobia) pode ser prejudicial. Por outro lado, uma pessoa totalmente destemida não teria vida longa: atravessaria a rua no sinal vermelho, cairia ao se debruçar na janela ou não hesitaria em enfrentar um leão. Sob o efeito do medo, aumentam a atenção e a velocidade de reação. As batidas do coração aceleram, a pressão sanguínea sobe, os açúcares inundam o sangue e aumentam as secreções da glândula suprarrenal e da parte anterior da hipófise. Esse terremoto psicofísico prepara o corpo para lutar, fugir, imobilizar-se ou fingir não temer.

(http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/que_medo_.html)

TEXTO II

Há muros que separam nações, há muros que dividem pobres e ricos, mas não há hoje no mundo um muro que separe os que têm medo dos que não têm medo. Citarei Eduardo Galeno acerca disso, que é o medo global: “Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta d’armas, e as armas têm medo da falta de guerras. E, se calhar, acrescento agora eu: há quem tenha medo de que o medo acabe”.

(Mia Couto, <http://blogdochicofurriel.blogspot.com.br/2012/08/morar-o-medo-mia-couto.html>)

TEXTO III

(<http://celsoannes.com.br/?tag=medo>)

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 2: De que forma somos condicionados a ter medo?

Tema/Título 2: De que forma somos condicionados a ter medo?

4

RASCUNHO DA

8

REDAÇÃO

12

RASCUNHO DA

16

REDAÇÃO

20

RASCUNHO DA

24

REDAÇÃO

28

